

CINEMA

Bangüê exhibe Zé do Caixão inédito

Em cartaz na sala de João Pessoa, 'A Praga' é um média-metragem "desaparecido" de José Mojica Marins

Da Redação

Zé do Caixão, icônico personagem do terror brasileiro criado (e encarnado) pelo cineasta José Mojica Marins (1936-2020), era famoso por rogar pragas das mais variadas nas pessoas. Uma delas, porém, permaneceu inédita até agora.

Dirigido por Marins em 1980, o filme *A Praga* permaneceu inacabado por quase 20 anos, até ser recuperado, restaurado e finalizado pelo produtor Eugenio Puppo, em 2007. A versão definitiva do média-metragem, com nova montagem e novos efeitos, teve estreia mundial no Festival de Sitges, na Espanha, em outubro de 2021, e, agora, poderá ser conferida pelos fãs de terror no circuito nacional.

Em cartaz no Cine Bangüê, sala de cinema instalada no Espaço Cultural José Lins do Rego, em João Pessoa, *A Praga* tem sessões hoje, às 18h30, dias 15 (19h), 17 (20h) e 22 (17h). A classificação indicativa é 16 anos. Os ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia), uma hora antes de cada exibição, na bilheteria do Cine Bangüê. É possível efetuar o pagamento via PIX ou em espécie.

Durante um passeio pelo campo, Marina e Juvenal (vivididos por Felipe Von Reno e Sílvia Gless, respectivamente) param em frente à casa de uma estranha idosa (interpretada por Wanda Kosmo) para tirar fotos. Irritada, ela se revela como uma bruxa e joga uma maldição em Juvenal: uma perseguição psíquica, provocando uma ferida que se abre em seu corpo de forma descontrolada. O ferimento o leva a uma fome insaciável por carne crua e precisa ser alimentado constantemente para ser saciado.

O média-metragem conta com a abertura de um curta, *A última*

praga de Mojica, sobre o processo de resgate, restauração e finalização de *A Praga*. A direção da produção é assinada por Puppo, Cédric Fanti, Matheus Sundfeld e Pedro Junqueira.

Maldição?

Tudo começou bem antes do início da década de 1980, há mais de 50 anos: José Mojica Marins gravou um especial para a televisão, *A Praga*, no ano de 1967, sobre a bruxa velha que amaldiçoa um rapaz que tenta fotografá-la. Porém, "o feitiço se virou contra o feiticeiro" muito antes da produção ir ao ar, quando o filme se perdeu em um incêndio. Originalmente, *A Praga* seria o 13º episódio do programa *Além, muito além do além*, exibido na Rede Bandeirantes entre 1967 e 1968.

Treze anos depois, Mojica decidiu retornar à história, filmando em Super-8. Mesmo tendo uma grande consideração pelo material, o azar veio em forma de problemas financeiros que o impediram de finalizar o projeto.

Seria uma "maldição" para José Mojica Marins, como a velha bruxa que não queria se deixar ser fotografada no enredo?

A versão de 1980, também feita para a TV, passou anos como perdida, mas, no ano de 2007, seus negativos foram encontrados pelo cineasta Eugênio Puppo, que se dedicou a um longo processo de restauração, inclusive com o próprio Mojica fazendo parte dele, até 19 de fevereiro de 2020, quando o eterno Zé do Caixão morreu em São Paulo, aos 83 anos, vítima de uma broncopneumonia. Infelizmente,

o cineasta não viu o resultado final nas telonas.

Puppo juntou os negativos originais, filmou cenas adicionais (incluindo o retorno de Mojica como Zé do Caixão apresentando a história), dublou falas, inseriu efeitos visuais criados pelo técnico Kapel Furman, além de editar e supervisionar o processo de pós-produção.

A Praga teve roteiro de Rubens Francisco Lucchetti, um dos grandes nomes dos quadrinhos nacionais. Tanto que, em março de 1969, a mesma história foi quadrinizada por Lucchetti em uma edição da revista *O Estranho Mundo de Zé do Caixão*, com desenhos de Nico Rosso.



Imagem: Reprodução

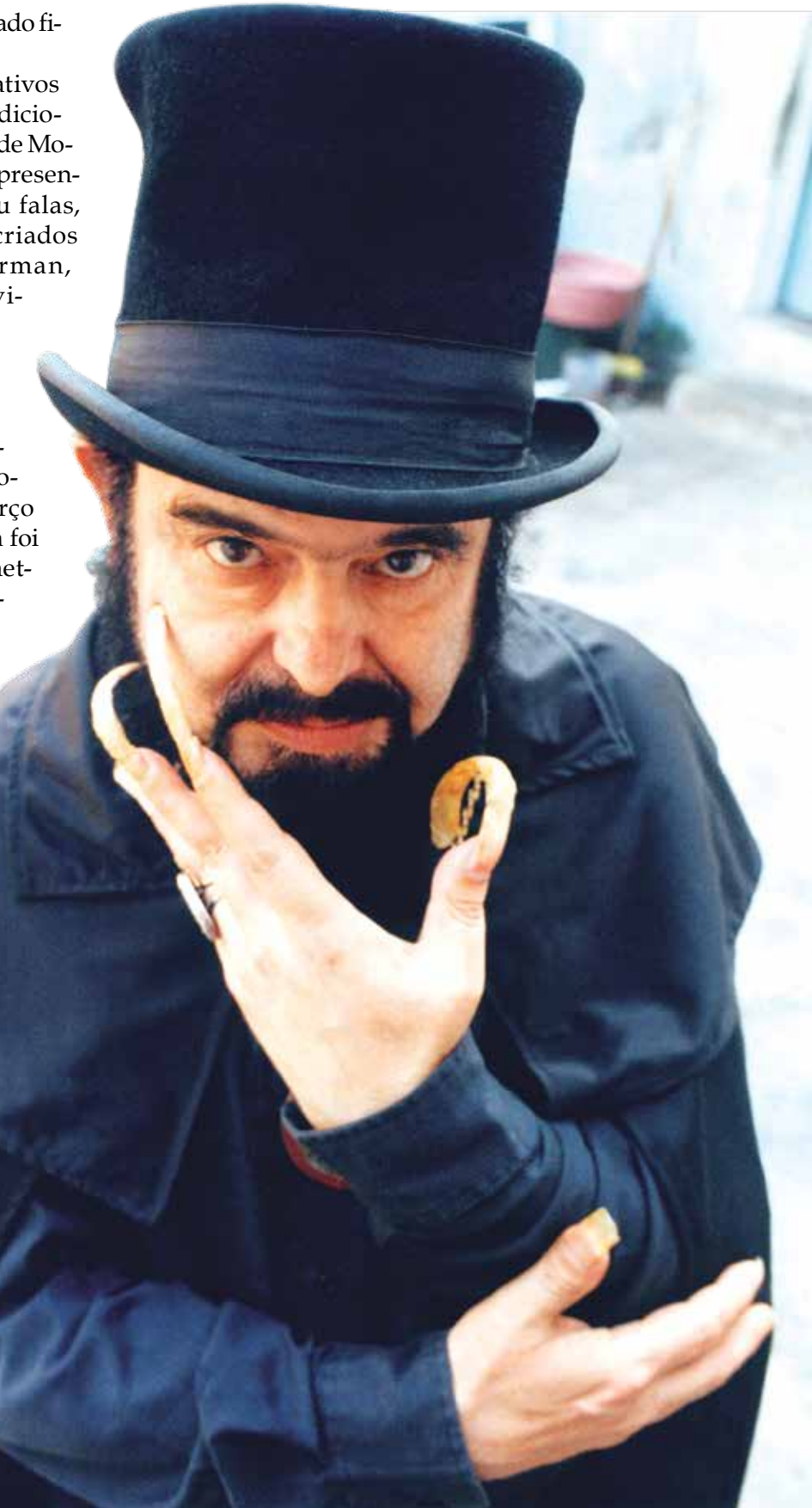


Foto: Denise Adams/Estúdio Conteúdo

Versão restaurada chega ao cinema, em sessão conjunta com o curta documental 'A última praga de Mojica', que conta a história do resgate do filme de Zé do Caixão (acima)

'NÓS E O MAR'

Disco celebra 85 anos do mestre da bossa nova Roberto Menescal

Concebido a seis mãos por Roberto Menescal, Diogo Monzo e Ricardo Bacelar, o álbum *Nós e o Mar* chega às principais plataformas de streaming na próxima sexta-feira (dia 14). Com participação especial de Leila Pinheiro, convidada do trio na versão de 'Bye Bye Brasil' (Menescal e Chico Buarque), o disco celebra os 85 anos de Roberto Menescal, privilegiando versões instrumentais para parcerias do mestre da bossa nova com Ronaldo Bôscoli. Além de estrear nas plataformas digitais, *Nós e o Mar* terá também edição física, em CD.

Ao violão de Roberto Menescal, somam-se o pianista Diogo Monzo (piano e teclados) e o multi-instrumentista Ricardo Bacelar (piano, teclados e percussão), que se revezam ainda nos arranjos. "O projeto nasceu por iniciativa da produtora cultural Fernanda Quinderé, que trouxe a proposta para o selo. Inicialmente, a ideia era gravar um álbum instrumental, mas depois resolvemos incluir três faixas cantadas. Nós gestamos este disco como uma homenagem ao Menescal e foi uma felicidade recebê-lo em meu estúdio, aqui em Fortaleza", conta Bacelar, que produziu *Nós e o Mar* com Quinderé para o selo que fundou, o Jasmin Music.

"Quando o Ricardo me convidou, a gente foi armando o repertório: ele deu algumas sugestões, o Diogo as dele e eu as minhas, mas algumas coisas nasceram na própria gravação do disco. Inclusive a

ideia de eu cantar, que veio do Ricardo", pontua Roberto Menescal. "Eu perguntei a ele: 'Tem certeza? Mas como a gente estava num clima legal, acabei botando voz em 'O Barquinho' e 'Ah! Se eu pudesse'", relembra, com bom humor.

Nós e o Mar proporciona, portanto, a rara oportunidade de ouvir Roberto Menescal cantando duas joias de seu repertório. "A primeira e única vez que cantei 'O Barquinho' na minha vida foi no Carnegie Hall, em Nova Iorque, em 1962. Eu ia fazer outra coisa de violão e tal, mas o produtor me convenceu a fazer 'O Barquinho'. Estreei e encerei a minha carreira de cantor ali, no Carnegie Hall", brinca ele.

Já o pianista, compositor e arranjador fluminense Diogo Monzo, músico popular com a alma erudita, conheceu Roberto Menescal em 2017, quando lançou um álbum em homenagem ao pianista e compositor Luiz Eça. "O Menescal foi um dos primeiros a ouvir esse disco. Trabalhar com ele agora foi maravilhoso, um grande aprendizado. Menescal é um artista muito generoso e amável", diz Monzo, que assina os arranjos de 'O Barquinho', 'Nós e o Mar', 'Ah! Se eu pudesse', 'A morte de um Deus de sal' e 'Copacabana de sempre'. "Eu busquei misturar nos arranjos linguagens ligadas à música erudita e à música popular. Fruto da influência que tenho de Luiz Eça, esse trabalho tem aspectos harmônicos ligados à música impressionista".



Da esq. para dir.: Roberto Menescal, o pianista Diogo Monzo e o multi-instrumentista Ricardo Bacelar

Bacelar e Menescal se conhecem há tempos, desde que o músico cearense viveu no Rio de Janeiro, quando integrava o Hanoi Hanoi. São de Bacelar os arranjos para 'Rio', 'Você', 'Vagamente' e 'A volta'. O arranjo de 'Bye Bye Brasil' é de Menescal e Ricardo. "Como produtor, a ideia foi preservar o suingue característico do violão do Menescal como pilar, e trazer uma informação nova à bossa nova, usando órgão Hammond e alguns teclados para dar uma textura mais contemporânea ao traba-

lho. Menescal deu o mote: fizemos um samba diferente, um sambete", define Bacelar. "É sempre um desafio ser arranjador, músico e também produtor de um projeto, função que requer um olhar mais abrangente. *Nós e o Mar* vem enriquecer o catálogo do selo Jasmin Music, que segue investindo em música brasileira mais sofisticada. Já fizemos releituras de Gilberto Gil em *Andar com Gil* (com Delia Fischer), e agora nos debruçamos sobre a obra do Menescal", conclui ele.



Através do QR Code acima, acesse as principais plataformas para a audição

Foto: Leo Duarte/Divulgação